



CENTRO EDUCACIONAL TRÊS MARIAS EIRELI
FACULDADE TRÊS MARIAS – FTM
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

AIYRA CAROLLYNE NOGUEIRA LIMA FRANCO SILVA
KAREN GABRIELA SILVA AVELINO FERREIRA

**MÉTODOS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA A DISCUSSÃO SOBRE GÊNERO
E SEXUALIDADE**

FLORIANO - PI
2020.2

AIYRA CAROLLYNE NOGUEIRA LIMA FRANCO SILVA
KAREN GABRIELA SILVA AVELINO FERREIRA

**MÉTODOS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA A DISCUSSÃO SOBRE GÊNERO
E SEXUALIDADE**

Artigo apresentado ao Centro Educacional
Três Marias como requisito final para
obtenção do título de Licenciado em
Pedagogia do curso de Pedagogia.

Orientador (a): Prof. Esp. Mário de Oliveira
Silva

FLORIANO - PI

2020.2

**AIYRA CAROLLYNE NOGUEIRA LIMA FRANCO SILVA
KAREN GABRIELA SILVA AVELINO FERREIRA**

**MÉTODOS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA A DISCUSSÃO SOBRE GÊNERO
E SEXUALIDADE**

Artigo apresentado ao Centro Educacional Três Marias como requisito final para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia do curso de Pedagogia.

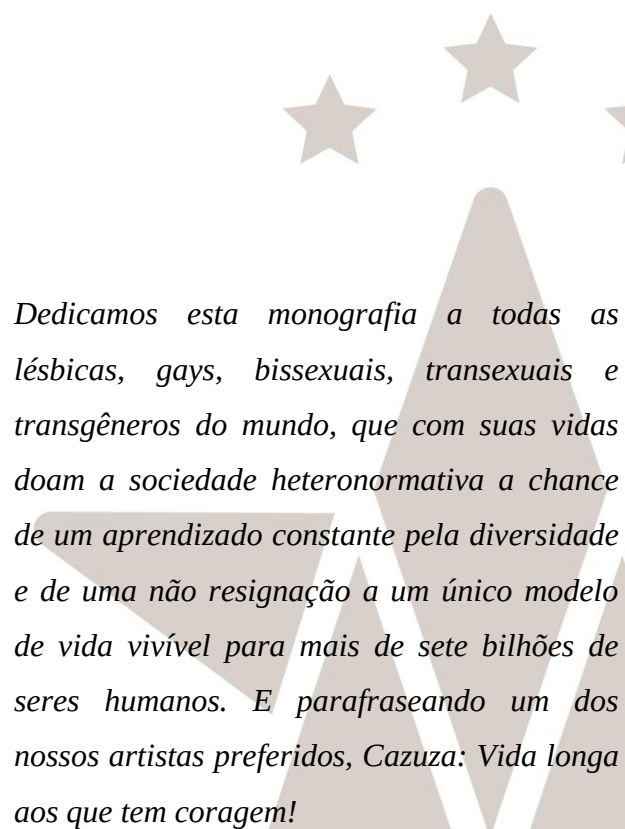
Orientador (a): Prof. Esp. Mário de Oliveira Silva.

Aprovado(a) em: ____/____/____.

Prof. Esp. Mário de Oliveira Silva (orientador)
Centro Educacional Três Marias

Prof. Titulação e nome completo (Examinador Interno)
Centro Educacional Três Marias

Prof. Titulação e nome completo (Examinador Interno)
Centro Educacional Três Marias



*Dedicamos esta monografia a todas as
lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e
transgêneros do mundo, que com suas vidas
doam a sociedade heteronormativa a chance
de um aprendizado constante pela diversidade
e de uma não resignação a um único modelo
de vida vivível para mais de sete bilhões de
seres humanos. E parafraseando um dos
nossos artistas preferidos, Cazusa: Vida longa
aos que tem coragem!*

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente a Deus por ter nos mantido na trilha certa durante todo o processo deste projeto de pesquisa com saúde e forças para chegar até o final.

Agradecemos aos nossos pais por todo esforço investido na nossa educação.

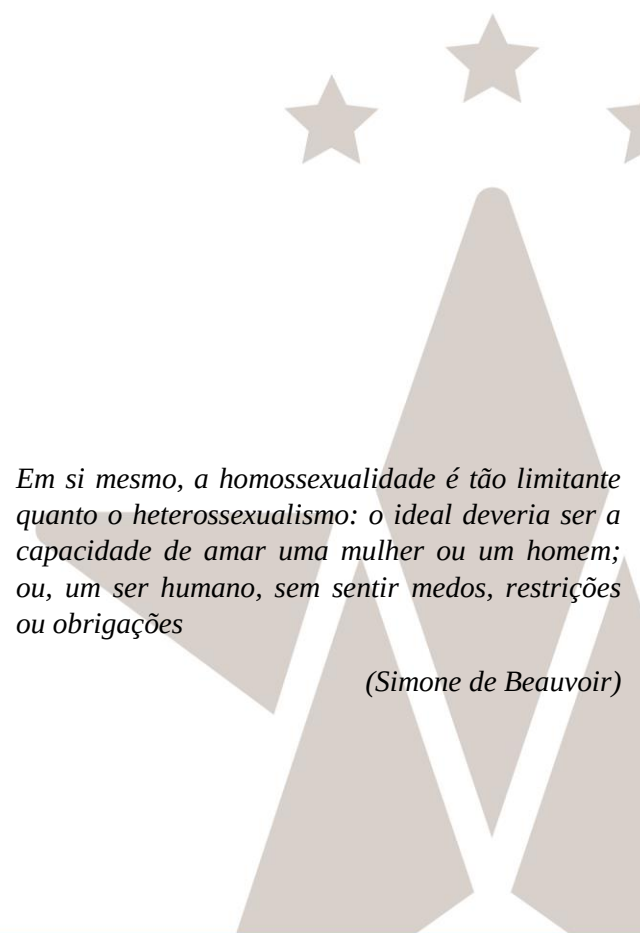
Somos gratos aos nossos familiares pelo apoio que sempre nos deram durante toda a jornada.

Deixamos nossos agradecimentos a todos os professores que de alguma forma, seja pelas atitudes ou amor a sua profissão, nos ensinaram e mostraram que é possível chegar lá, basta acreditar em você mesmo, obrigada por serem fonte de inspiração aos seus alunos.

Agradecemos especialmente ao nosso orientador pelo incentivo e pela dedicação do seu escasso tempo ao nosso projeto de pesquisa.

Também queremos agradecer ao Instituto Superior de Educação São Judas Tadeu – ISESJT por todo o tempo que nos foi possível desfrutar desta instituição que nos acolheu de braços abertos, e à Faculdade Três Marias - FTM pela elevada qualidade do ensino oferecido.





Em si mesmo, a homossexualidade é tão limitante quanto o heterossexualismo: o ideal deveria ser a capacidade de amar uma mulher ou um homem; ou, um ser humano, sem sentir medos, restrições ou obrigações

(Simone de Beauvoir)

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo discutir a temática Gênero e Sexualidade na Escola, buscando responder à problemática: Quais as diferentes compreensões dos docentes acerca da questão de gênero e sexualidade no contexto escolar? Temos por objetivo geral: discutir as diferentes compreensões dos docentes acerca da questão de gênero e sexualidade no contexto escolar e por objetivos específicos: discutir o conceito de gênero e sexualidade; conhecer a proposta dos PCNs de como trabalhar gênero e sexualidade dentro do ambiente escolar; analisar a percepção dos docentes ao abordarem gênero e sexualidade em sala de aula. Tem-se por Justificativa que ao abordarmos sobre gênero e sexualidade na escola temos que, antes de tudo, nos atentar para os significados e as diferenças desses termos e como isso implica de forma direta ou indireta nos papéis sexuais dentro dos âmbitos culturais, sociais, históricos e políticos. Partindo dessa premissa se sabe que, é predominante uma postura preconceituosa e arcaica sobre a discussão de temas como esse, pois há toda uma visão heteronormativa, machista e patriarcal já enraizada culturalmente na nossa sociedade, o que vem a ser prejudicial na construção social dos alunos e na formação de professores. A metodologia utilizada será de caráter bibliográfica preocupando-se com a interpretação e a compreensão significativa dos fenômenos. Utilizando-se da pesquisa bibliográfica feita através da leitura de livros e artigos dos seguintes autores: TEIXEIRA e DUMONT (2009), BARBOSA (2002); LOURO (2014), FOUCAULT (1976), SCOTT (1989), COVOLAN e OLIVEIRA (2015); LIONÇO e DINIZ (2009) acerca das relações entre gênero, história e educação. Ao final espera-se que a pesquisa responda e esclareça as dúvidas pertinentes ao assunto em questão, de maneira que fiquem claros os métodos utilizados pelos professores e de que maneira isso beneficia os alunos.

Palavras-chaves: Gênero; Sexualidade; Docentes; Educação.



ABSTRACT

This work aims to discuss the theme of Gender and Sexuality at School, seeking to answer the problem: What are the different understandings of teachers about the issue of gender and sexuality in the school context? We have as a general objective: to discuss the different understandings of teachers about the issue of gender and sexuality in the school context and for specific objectives: to discuss the concept of gender and sexuality; know the proposal of the PCNs on how to work gender and sexuality within the school environment; analyze the perception of teachers when addressing gender and sexuality in the classroom. Justification is that when addressing gender and sexuality at school, we must, first of all, pay attention to the meanings and differences of these terms and how this implies, directly or indirectly, sexual roles within cultural, social, historical and political. Based on this premise, it is known that a prejudiced and archaic stance on the discussion of topics like this is predominant, as there is a heteronormative, sexist and patriarchal view that is already culturally rooted in our society, which is detrimental to the social construction of students and teacher training. The methodology used will be bibliographic in nature, concerned with the interpretation and meaningful understanding of the phenomena. Using the bibliographic research done by reading books and articles by the following authors: TEIXEIRA and DUMONT (2009), BARBOSA (2002); LOURO (2014), FOUCAULT (1976), SCOTT (1989), COVOLAN and OLIVEIRA (2015); LIONÇO and DINIZ (2009) about the relations between gender, history and education. At the end, it is expected that the research will answer and clarify the doubts pertinent to the subject in question, so that the methods used by the teachers are clear and how this benefits the students.

Keywords: Gender; Sexuality; Teachers; Education.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 CONCEITUANDO GÊNERO E SEXUALIDADE.....	13
2.1 Diferentes Percepções Docentes Sobre Gênero E Sexualidade	15
2.2 Gênero E Sexualidade Uma Questão Para Debater Em Sala.....	18
2.3 Uma Proposta Dos Pcns Sobre Gênero E Sexualidade.....	20
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
REFERÊNCIAS	24



1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como temática principal quais os métodos e práticas pedagógicos utilizados na discussão sobre gênero e sexualidade na escola, procura discutir, compreender e também problematizar as discussões acerca do tema Gênero e Sexualidade na Escola por meio de leituras feitas e embasadas em alguns livros como: *Discutindo Relação de Gênero na Escola: Reflexões e Propostas para a Ação Docente*, (Org.) Adla Betsaida Martins Teixeira e Adilson Dumont, bem como também o livro: *Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*, que tratam sobre as questões de assédio sexual, comportamento sexual e liberdade, homofobia na escola, construção de masculinidade e feminilidade nos vários espaços de aprendizagem e na relação docente-discente associando as discussões teóricas a sugestões e estratégias para abordar questões de gênero nos espaços de aprendizagem, que se relaciona ao tema abordado de modo a esclarecer como funcionam as teorias sobre gênero na prática e de que maneira os professores veem as mesmas.

Considerando o contexto apresentado, propõem-se como problemática da pesquisa: Quais as diferentes compreensões dos docentes acerca da questão de gênero e sexualidade no contexto escolar? A escolha do tema foi definida mediante experiências cotidianas, escolares e no ambiente social onde, diante de experiências pessoais de ambas as orientandas e pesquisas foi possível notar uma falta de instrução por parte dos professores e falta de apoio da gestão escolar em geral quando o assunto é gênero e sexualidade, se percebeu a partir desse ponto a necessidade de pesquisar e discutir mais sobre essa temática e ver como essas discussões ocorrem na prática da sala de aula.

Temos por objetivos de pesquisa: Discutir as diferentes compreensões acerca da questão de gênero e sexualidade no contexto escolar; Analisar o conceito de gênero e sexualidade; Conhecer a proposta dos PCNs de como trabalhar gênero e sexualidade dentro do ambiente escolar. Ao final desta pesquisa espera-se esclarecer algumas dúvidas pessoais sobre o tema, como também se busca descobrir como vem sendo feita na prática essas discussões, reflexões e construção de conhecimentos acerca da temática em questão.

Ao abordarmos sobre gênero e sexualidade na escola temos que, antes de tudo, nos atentar para os significados e as diferenças desses termos e como isso implica de forma direta ou indireta nos papéis sexuais dentro dos âmbitos culturais, sociais, históricos e políticos. Partindo dessa premissa se sabe que, é predominante uma postura preconceituosa e arcaica sobre a discussão de temas como esse em sala de aula, pois há toda uma visão

heteronormativa, machista e patriarcal já enraizada culturalmente na nossa sociedade, o que vem a ser prejudicial na formação de professores e na construção social dos alunos.

Com base em pesquisas já lidas percebeu-se que as mesmas falam da formação de professores e como atuam, com isso, trazemos de diferencial a abordagem das práticas e métodos e se os mesmos vêm sendo condizentes com sua formação e se o aluno está se beneficiando positivamente e se isto está interferindo na descoberta e construção da sua sexualidade.

Portanto, entende-se que para âmbito acadêmico é importante haver pesquisas que abordem essa discussão para que se faça possível esclarecer dúvidas da sociedade e no cunho pessoal se faz necessário para o aprofundamento do conhecimento trazendo um posicionamento crítico e uma construção político-social mais esclarecida.

A metodologia de pesquisa utilizada é de caráter bibliográfica preocupando-se em conhecer o que já se estudou sobre o tema escolhido. A pesquisa será feita a partir do levantamento de referências teóricas de autores e estudiosos da área de gênero e sexualidade. Como todo trabalho de cunho acadêmico se inicia com uma pesquisa bibliográfica aqui vamos nos permitir ir mais a fundo e conhecer mais sobre o que já foi estudado e até, quem sabe, especular um pouco sobre o que ainda tem que ser aprofundado dentro do tema, e tudo isso no intuito de mostrar a realidade e os tabus que cercam essa discussão.

A escolha desse tipo de abordagem se justifica por ser uma metodologia que busca recolher informações e conhecimentos prévios sobre como discutir de forma pedagógica gênero e sexualidade nas escolas trazendo assim através dessa pesquisa respostas propostas dentro dos objetivos que nos fizeram buscar saber mais e trazer à tona um assunto ainda tão pouco explorado e discutido, não por falta de vontade mas sim porque o preconceito existente em nós e na sociedade nos leva a ignorar e tratar como algo que não se deve ser falado.

Ao decorrer do trabalho iremos discorrer sobre questões de gênero e sexualidade em sala de aula e como essas questões são abordadas e influenciam na construção crítica e social dos alunos, embasando-nos em TEIXEIRA; DUMONT (2009), BARBOSA (2002) e LOURO (2014) FOUCAULT (1976) que defendem e esclarecem pontos cruciais sobre a temática em discussão.

O trabalho será construído de maneira que no primeiro momento será abordado, a partir de pesquisas bibliográficas, os conceitos de gênero e sexualidade, dentro de um contexto histórico, cultural e social, quais as propostas ditadas pelos PCNs e como as mesmas orientam e discutem as questões de gênero e sexualidade, qual abordagem se deve ser utilizada e em qual momento, será feita também um levantamento sobre a percepção dos

docentes acerca do tema discutindo as diferentes compreensões dos estudos de gênero e sexualidade no contexto escolar.

Por fim, buscamos, na construção deste trabalho discutir como se constroem as relações sociais e identidades individuais de cada um dentro da perspectiva do que se define por gênero, sexo e sexualidade. Pretendemos mostra aqui como a construção da sexualidade e gênero sofre uma constante pressão da sociedade para se encaixar em algo já preestabelecido, a constante busca para estar nesses conceitos que a sociedade insiste em dizer que são únicos e imutáveis mas que na realidade estão em constante evolução e adaptação. Dizer que só existe o feminino e masculino, o casal entre homem e mulher, dentre outros é muito limitante dentro da vastidão de diversidades e multiculturalismo existente ao nosso redor e que muitas vezes optamos por não conhecer pelo simples fato de fugir da nossa zona de conforto e do tido “normal” que nos foi imposto goela abaixo.



2 CONCEITUANDO GÊNERO E SEXUALIDADE

A discussão sobre gênero e sexualidade ainda passa por muitos problemas de aceitação, principalmente dentro do âmbito escolar, pois se vê nessa temática uma grande variação de conceitos que na opinião de muitos não deve ser trabalhada na escola, pois o teor das discussões perpassam os limites dos saberes essenciais. O termo gênero tem sua história e discussão ainda bem recente, tanto que é difícil se encontrar caminho para ele nos dicionários e enciclopédias, as feministas começaram a utilizar-se da palavra “gênero”.

Em uma utilização já mais recente do termo “gênero”, se tem o mesmo como sinônimo ou até mesmo substituto de “mulheres” e foi fortemente utilizado para sugerir informações sobre as mulheres e que essas informações necessariamente são sobre os homens, ou seja, sobre o outro. E como nos mostra Scott (1989, p.7): "O gênero é igualmente utilizado para designar as relações sociais entre os sexos". Essa utilização acaba por rejeitar as ideias biológicas onde encontramos um fator comum para as formas de subordinação das mulheres com o argumento de que elas têm filhos e que os homens são superiores em sua força física/muscular. Conforme Scott:

O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais” - a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. (SCOTT, 1989, p.7)

Assim podemos entender por gênero aquilo que nos diferencia socialmente, que define nosso comportamento, nossas atitudes, nosso modo de se relacionar com o outro e muitas vezes como agimos e nos portamos perante a sociedade, Conforme afirma Teixeira e Dumont (2009, p.15) “Gênero designa o conjunto de características e comportamentos atribuídos a mulheres ou homens e, por extensão, às práticas materiais e simbólicas, aos objetos, lugares, atividades e representações sociais.”

O gênero classifica nossa identidade como masculino e feminino, mas o mesmo pode sofrer alterações com o passar do tempo, segundo Louro (2014, p.31) “As identidades estão sempre se constituindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação” isso vai depender das interações e relações que mantemos no dia-a-dia, podendo assim ser considerada como mutável.

Assim somos considerados como seres que vivem em constante evolução, e o ambiente escolar é o lugar que nos propicia aguçar nossos conhecimentos sobre determinadas particularidades do corpo, como por exemplo, entender sobre nossa sexualidade, assim aprender o que nos diferencia, Segundo Cruz (2016, p.9) “O gênero não só diferencia “meninas” e “meninos”, mas também os coloca numa relação de poder”. Relação essa que se torna presente e notável dentro do ambiente escolar.

Dentro dos mais diversos estudos sobre sexo e sexualidade, o gênero se tornou particularmente uma palavra útil para os/as pesquisadores/as porque lhe ofereceu uma forma de distinguir a prática sexual dos papéis socialmente atribuídos às mulheres e aos homens, mas apesar do reconhecimento das relações entre os sexos e os “papéis sexuais” isto não coloca entre eles uma relação simples nem muito menos direta, pois como cita Scott (1989, p.7) “O uso do “gênero” coloca a ênfase sobre todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas que não é diretamente determinado pelo sexo e nem determina diretamente a sexualidade.” A construção desses papéis sexuais e da própria sexualidade, não definida somente pelo gênero, reflete no modo como as instituições sociais vão lidar com as mesmas.

E é com base nos conhecimentos que adquirimos na escola que podemos compreender como se dão as relações de poder existentes na sociedade na qual nos inserimos, pois até mesmo no ambiente escolar mesmo que com todas as discussões feitas sobre respeito, cidadania, etc. ainda predominam constantemente as relações de poder dos meninos sobre as meninas, que para eles é uma forma de exercício da sua masculinidade. Segundo Cruz (2016, p.8) “Em nome dessa tal masculinidade eles escondem sentimentos, medos e dores, aprendem a “engolir o choro” e passar por cima de situações sem refletir, aprendem que ter força é poder agredir.”

Por isso se faz necessária e imprescindível que os professores discutam mais sobre questões de gênero e sexualidade, pois é com base nessas discussões que podemos ensinar aos alunos a formar opiniões, debater criticamente e construir de forma própria e segura sua sexualidade que também é algo construído socialmente, e isso se dá a partir do momento em que eu me relaciono com quem eu me sinto mais a vontade independente da genitália que eu venha a possuir, pois muito se pensa que sexo só está associado aos estudos biológicos, mas não, ele também perpassa a cultura e a vivência de cada um individualmente. Pois Louro afirma que:

A dificuldade parece residir no fato de que, usualmente, se associa (às vezes até se reduz) a sexualidade à natureza ou à biologia. E, quando se assume este modo de pensar, frequentemente, se supõe que a natureza e a biologia constituem uma espécie de domínio à parte, alguma coisa que ficaria fora da cultura. (LOURO, 2011, p.64)

Assim podemos compreender a sexualidade como o exercício de nossos desejos, prazeres e nossa forma de se relacionar com o outro que está intimamente ligada a como eu me vejo e o que eu sinto, como eu me considero e se eu me reconheço como tal, em relação ao determinado órgão com o qual eu nasci. Segundo Barbosa (2002, p.90) “A sexualidade é, portanto, construída na interação do indivíduo, ou grupo de indivíduos, com a sociedade”. Essa discussão é predominante na escola, pois lá predominam diferentes individualidades, mas também fora dela como, em casa, nos espaços sociais e com as pessoas que interajo.

Assim devemos considerar que a escola como provedora de conhecimento deve abrir espaços para essas discussões assim como desenvolver nos alunos o desejo de pesquisar e saber mais sobre a temática que diz respeito a nossa vida pessoal e nossa relação com o outro.

2.1 Diferentes Percepções Docentes Sobre Gênero E Sexualidade

É dentro do ambiente escolar que vemos e temos uma diversidade cultural e social bem mais vasta e ampla do ponto de vista das questões do multiculturalismo e da diferença bem como a definição de uma identidade que diferencia cada um dos indivíduos ali presentes e os torna ao mesmo tempo sujeitos únicos e plurais, sujeitos repletos de distinções e desigualdades, sejam elas de raça, classe, religião, sexo, etc. E conforme afirma Louro (2014, p.62) “A escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o “lugar” dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas”. Assim sentidos são criados nesses espaços escolares e incorporados por meninos e meninas e tornam-se parte de seus corpos, parte da sua construção e formação.

A instituição escolar exerce uma função de formadora de cidadãos morais e éticos, bem como é responsável pela construção social e cultural deste mesmo indivíduo, pois cada sociedade, cada país é composto de pessoas diferentes entre si. Diferentes não somente no sentido de suas singularidades como também o são em relação às categorias ou grupos de pessoas que podem ser classificadas por sexo, etnia, classe social, opção política e ideológica, etc. É grande a diversidade da população brasileira tanto em diversas culturas de origem, como em diversas religiões, opiniões, etc.

Partindo disto teremos diferentes compreensões por parte dos docentes acerca das discussões sobre as questões de gênero e sexualidade, nas discussões sobre o preconceito sofrido pelos alunos, teremos assim várias maneiras, utilizadas por esses professores, de se lidar com tais questões relacionadas à sexualidade, várias visões e concepções dentro de suas formações tanto como docentes quanto como indivíduos integrantes de uma sociedade diversa e de diferentes identidades. Segundo nos mostra Louro:

A negação dos/as homossexuais no espaço legitimado da sala de aula acaba por confina-los às “gozações” e aos “insultos” dos recreios e dos jogos, fazendo com que, deste modo, jovens gays e lésbicas só possam se reconhecer como desviantes, indesejados ou ridículos. (LOURO, 2014 p.72)

Justamente devido essas grandes diversidades encontradas no espaço escolar e pela negação de tais situações a escola se torna muitas vezes um ambiente hostil para esse aluno(a) que é gay, lésbica, transexual, bissexual. O ambiente de sala se torna um local de preconceito e muitas das vezes de legitimação do mesmo quando os docentes banalizam tal discussão sobre gênero e sexualidade e reforça um discurso (já tão conhecido na nossa sociedade patriarcal, misógina e homofóbica) de que o certo é aquele modelo homossexual da família tradicional e promove a separação dos “papéis sexuais”.

É necessário dentro deste ponto de separação dos “papéis sexuais” nos perguntarmos como se produziram e se produzem essa diferenças e quais os efeitos que elas causam nos sujeitos e na sua construção enquanto integrante da sociedade, para tal observação e obtenção de uma resposta o mais clara possível dos fatos Louro nos diz que:

Os sentidos precisam estar afiados para que sejamos capazes de ver, ouvir, sentir as múltiplas formas de constituição dos sujeitos implicadas na concepção, na organização e no fazer cotidiano escolar. O olhar precisa esquadrihar as paredes, percorrer os corredores e salas, deter-se nas pessoas, nos seus gestos, suas roupas; é preciso perceber os sons, as falas, as sinetas e os silêncios; é necessário sentir os cheiros especiais; as cadências e os ritmos marcando os movimentos de adultos e crianças. (LOURO, 2014 p. 63)

Devido essa falta de atenção para tais detalhes os gestos e as palavras são banalizadas quando na verdade deveriam ser motivo de questionamento onde a tarefa mais urgente seria a de desconfiar daquilo que é tomado como “natural”. Afinal, é “natural” que meninos e meninas se separem na escola, para fazer trabalhos e para filas? Como explicar então que em determinados momentos eles e elas se “misturem” para brincar ou até mesmo trabalhar? Tudo

isso, essa dimensão de coisas precisa ser colocada em questão do ponto de vista das relações no ambiente escolar bem como as relações de poder decorrentes destes pontos.

Dentro das relações existentes nas salas de aulas das instituições educacionais não podemos deixar de fora da discussão as relações de poder existentes dentro e fora desses espaços. E partindo da teoria foucaultiana onde as relações de poder não estão restritas somente a cargos de “poder” mas sim presente em toda e qualquer interação do ser humano seja ela social, cultural, econômica, política, etc, podemos aqui dizer que afirmar que este “poder” existente nas relações aluno/professor e professor/aluno acaba por sujeitar uma fracassada tentativa de dominação. E conforme nos afirma Foucault:

Nas relações de poder, a sexualidade não é o elemento mais rígido, mas um dos dotados da maior instrumentalidade: utilizável no maior número de manobras, e podendo servir de ponto de apoio, de articulação às mais variadas estratégias. (FOUCAULT, 1999 p.98)

Dentro dessas manobras apontadas por Foucault nas relações de poder existentes na sexualidade temos que a preocupação com questões de gênero, sexualidade e sexo geralmente não é apresentada abertamente na escola e muitos, ainda em pleno século XXI, acreditam que se deixarmos de tratar desses “problemas” a sexualidade ficará fora da escola. É de grande importância que consigamos reconhecer que a escola não só reproduz ou reflete as concepções de gênero e sexualidade que circulam pela sociedade, mas que ela própria as produz como cita Louro (2014, p.85) em seu livro *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*: “A sexualidade está na escola porque ela faz parte dos sujeitos, ela não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa se “despir”. Portanto, ainda citando Louro:

Se admitirmos que a escola não apenas transmite conhecimentos, nem mesmo apenas os produz, mas que ela também *fabrica* sujeitos, produz identidades étnicas, de gênero, de classe; se reconhecemos que essas identidades estão sendo produzidas através de relações de desigualdade; se admitimos que a escola está intrinsecamente comprometida com a manutenção de uma sociedade dividida e que faz isso cotidianamente, com nossa participação ou omissão; se acreditamos que a prática escolar é historicamente contingente e que é uma prática política, isto é, que se transforma e pode ser subvertida; e por fim, se não nos sentimos conformes com essas divisões sociais, então, certamente, encontramos justificativas não apenas para observar, mas especialmente, para tentar interferir na continuidade dessas desigualdades. (LOURO, 2014 p.89-90)

E tais discussões não devem ser deixadas de lado pelos docentes e tão somente por todo o corpo educacional das instituições para que só então possamos traçar uma estratégia de intervenção necessária ao combate das desigualdades existentes nas instituições e que sejam ainda fortemente perpetuadas pelos docentes e suas diferentes percepções. Trazendo essas discussões para o meio escolar como um todo, e não somente ele, podemos contribuir cada vez mais para a desconstrução de todo esse preconceito já tão enraizado e impregnado na nossa subjetividade que nem sempre nos damos conta que deles é muito menos da sua dimensão e como pode afetar os outros a nosso redor.

2.2 Gênero E Sexualidade Uma Questão Para Debater Em Sala

Mediante pesquisas foi perceptível notar que professores ainda tem uma certa resistência em debater sobre essas questões que querendo ou não fazem parte do cotidiano da sociedade, considerando que cada indivíduo presente nela se porta de maneiras diferentes, considerando o fato de que ela ou ele pode ou não ser considerada dentro do padrão heteronormativo que a sociedade nos impõe.

Diante desses padrões de masculinidade e feminilidade que a sociedade tem como modelo devemos considerar os diversos aspectos socioculturais e as modificações pela qual o ser humano passa ao longo da vida. Segundo Teixeira e Dumont:

Diferença corporal não implica desigualdade, porém, a desigualdade de gênero é ideologicamente e cognitivamente construída e justificada com base na diferença sexual, ou seja, qualidades e comportamentos humanos aprendidos são atribuídos a natureza. (TEIXEIRA; DUMONT, 2009, p.15)

E é no espaço escolar que vemos essa diversidade cultural, social, religiosa, étnica, dentre outros que de certa forma influenciam no modo como cada pessoa lida com essa questão. Devemos perceber enquanto professores que estamos rodeados de informações que podem ser compartilhadas de forma natural ajudando assim na construção social e pessoal de cada aluno ali presente, não deixando predominar as relações de poder que são cruciais para que haja a discriminação e o preconceito com o que é diferente e foge da sua zona de conforto, conforme afirma Teixeira e Dumont:

Cabe ao professor conduzir o debate assumindo uma postura de mediador. Com relação à homossexualidade, ele deve explicitar os preconceitos e trabalhar pela não-discriminação, contribuindo para o

respeito à diversidade dos valores atribuídos à sexualidade na sociedade atual. (TEIXEIRA; DUMONT, 2009, p.100)

Ser homoafetivo para quem não conhece o significado é sinônimo de ser algo impróprio, passivo de preconceitos, de insultos, de exclusão, mas pelo contrário, são sujeitos dotados de direitos como nós héteros, mas que apenas sentiram o desejo de vivenciar sua vida de um modo diferente, com pessoas do mesmo sexo, encontrando no outro um complemento essencial, mas isso não significa dizer que devemos punir ou até mesmo ridicularizar o outro por sua diferença, pelo contrário deve-se apoiar, entender, e na escola é que deve ser trabalhado esses pontos, como o preconceito, a não discriminação, a indiferença, a segregação que essas pessoas sofrem, pois uma pessoa homoafetiva não representa riscos a ninguém, mas sim uma possibilidade de conviver e entender o multiculturalismo ao qual estamos expostos. Louro afirma que:

Como educadoras e educadores precisaríamos, pois, voltar nosso olhar para os processos históricos, políticos, econômicos, culturais que possibilitaram que uma determinada identidade fosse compreendida como a identidade legítima e não-problemática e as demais como diferentes ou desviantes. Há que se analisar também as formas como a escola tem lidado com essas questões. (LOURO, 2011, p.65)

Por isso deve-se considerar também a formação desse professor que está lidando com o assunto, pois o mesmo deve ter o mínimo de instrução para que ao invés de problematizar criando no aluno um pensamento positivo sobre esse tema não crie um total complexo provocando um sentimento de indiferença, de incompreensão, pois no ambiente escolar deve estar explícito o desejo de ensinar ao aluno como compreender e não segregar seu próximo por ser diferente.

É nos professores que os alunos(as) encontram um suporte para tirar suas dúvidas que muitas delas não são problematizadas em casa por falta de instrução dos Pais ou até mesmo por falta de interesse e por julgar desnecessário tal discussão. Muitos Pais chegam até julgar a escola que problematiza essas questões sexuais, podendo até processar a mesma, alegando que a escola está ensinando a seus filhos assuntos imorais, como por exemplo muitos pais pediram a retirada do corpo humano dos livros de ciências pois atestam que o conteúdo é impróprio para determinados alunos de menores, mas não sabendo que esse conhecimento é essencial para que os mesmos aprendam a respeitar o outro e também a se proteger de um grande mal que assola nossa sociedade que é a violência de gênero e a homofobia contra os

homossexuais. Segundo Borrillo (2009, p.19) “Como toda forma de exclusão, a homofobia não se limita a constatar uma diferença: ela a interpreta e tira conclusões materiais.”

As pessoas que provocam esse tipo de constrangimento no outro só mostram o quanto é importante e essencial cada vez mais a discussão dessa temática diariamente nas escolas, pois é com homoafetivos, negros, protestantes, lésbicas, etc. seja qual for a personalidade da pessoa ela está sujeita a sofrer discriminação por sua diferença seja ela social, econômica, afetiva, etc.

2.3 Uma Proposta Dos Pcms Sobre Gênero E Sexualidade

Os PCNs trazem consigo uma proposta de trabalho interessante, ao se tratar dessa temática que é tão pouco discutida por professores, através de conteúdos que possibilitem os alunos discutir e se relacionar ativamente com o que é proposto, dinamizando a forma como é vista e encarada a questão de gênero e sexualidade podendo incluí-la nos mais diversos meios e temáticas com as quais os alunos se sentem mais à vontade para compartilhar e diversificar seus pensamentos baseados nos conteúdos propostos no dia-a-dia sem fugir da realidade de cada um, pois é na escola que nos deparamos com singularidades e diferenças sociais, e é por meio da transversalidade que o professor promove essa interação entre seus alunos. Segundo Teixeira e Dumont:

Os PCNs propõem, então, a desconstrução dos preconceitos e estereótipos de gênero nas disciplinas, áreas de estudo e material didático, bem como no convívio escolar, ou seja, nas relações entre professor/professora e alunos/alunas na sala de aula, e entre alunos e alunas nos grupos de estudo e no recreio. (TEIXEIRA; DUMONT, 2009, p.27)

É com muita frequência que se vê o preconceito entre alunos devido a cor, ao comportamento, a questões ligadas à inteligência, etc. e principalmente é com as mulheres que isso ocorre com mais frequência por que o sexo feminino é considerado o mais sensível, o mais empático, e isso causa muitas vezes um grande transtorno no convívio escolar, muitas vezes até ser novato já se torna motivo de zombaria, e os professores apresentados pelos PCNs procuram dinamizar essa convivência e desconstruir esse preconceito. Pois Teixeira e Dumont afirmam que:

A escola é um dos principais lugares da formação do cidadão; e instruir o aluno a respeitar a diversidade implica no processo de educação de um cidadão ético, o que conseqüentemente culminará em

uma educação de qualidade, em uma sociedade mais digna, baseada no respeito às diferenças. (TEIXEIRA; DUMONT, 2009, p.103)

Através de disciplinas como ética, orientação sexual, meio ambiente, pluralidade cultural, etc. os PCNs trazem consigo uma proposta de inclusão, de respeito às diferenças, de convívio escolar e social harmonioso, pois a escola é uma instância de formação que proporciona saberes éticos e respeitosos, para que o aluno dentro e fora do espaço escolar consiga desenvolver o que aprende diariamente, que é abrir-se a diferentes discussões, ser solidário com a situação do outro, saber ajudar os colegas e saber identificar comportamentos preconceituosos.

No escola perpetuam diversas personalidades e assim se faz cada vez mais necessário propor esse diálogo principalmente em torno de uma temática como essa que envolve o ser pessoal e sexual dos alunos e alunas, para que eles tenham mais autonomia para discutir e serem abertos ao conhecimento proposto, isso também pode ser feito por exemplo na Educação Física e Ciências podem alunos no processo de conhecimento do corpo, na História, conhecendo os processos históricos pelos quais esse discurso passou, na Ética ajudando a respeitar e compreender as diferenças do outro. Segundo Barbosa:

O que é proposto pelos PCN é que seja tratado como um tema de pesquisa e de estudo para a compreensão das relações que ocorrem nesse cotidiano, para o direcionamento da busca do prazer e da lida com a realidade. (BARBOSA, 2002, p.91)

A descoberta da sexualidade deve ser vista como algo prazeroso e que lhe permita sentir e viver de modo que não haja julgamentos e nem pensamentos negativos sobre si mesmo, pois o indivíduo que se sente valorizado no seu modo de viver lida melhor com essa diferenciação que existe na sociedade em se tratando do sexo feminino principalmente, pois os homens segundo os padrões impostos devem ser os opressores, os maiores, os que devem defender a todo custo a sua masculinidade, e as mulheres devem ser as submissas, as oprimidas, as que devem respeitar os homens em qualquer circunstância, por isso cada vez mais devem ser trabalhadas as relações de poder em sala, para que os alunos e alunas passem a entender melhor sobre essa diferenciação do homem para a mulher, a começar pelas atitudes sendo isso um motivo de inclusão e não de exclusão, pois a mulher como qualquer ser humano é passível de transformações, segundo Butler (2003, p.18) “O próprio sujeito das mulheres não é mais compreendido em termos estáveis ou permanentes”. Então essa diferença já deve ser compreendida a partir desses termos, o ser da mulher, o fazer da mulher, sempre vai se diferenciar do homem, mas que seja uma diferença que deve ser compreendida como

algo que não se torne um obstáculo na convivência entre os seres, mas uma inter-relação de cooperação.

Um principal motivo para essa desconstrução a respeito das diferenças entre o masculino e o feminino é que os livros didáticos trazem consigo conteúdos lotados de situações que podem não ser bem interpretadas, pelos alunos que não tem o conhecimento necessário sobre o tema, sobre o que seja essa diversidade e pelo simples fato de não conhecer surge aí o preconceito, conseqüentemente atos discriminatórios, uma visão distorcida do que seja ser diferente. Segundo Lionço e Diniz:

A discriminação é uma prática social que marca o cotidiano das escolas. Opera a desqualificação do outro, podendo acarretar graves danos pessoais e sociais. Entende-se a prática discriminatória como a valoração das diferenças de modo a promover desigualdades ou prejuízos para as partes desqualificadas. (Lionço e Diniz, 2009, p.9)

É importante prevalecer nas discussões questionamentos, indagações, coisas que levem o aluno a se questionar por que está retraindo, diminuindo e até excluindo o que é diferente, o porquê de querer oprimir e desvincular de si conhecimentos que promovam a sociabilidade e a aproximação com pessoas diferentes, de culturas diferentes, pois somos passivos de transformações e sujeitos de direito que deve ser respeitado pela igualdade, mas principalmente pelas diferenças.



5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a realização da pesquisa assumimos o desafio de entender e conhecer os conceitos de gênero e sexualidade e como eles se desenrolam na prática dos indivíduos, bem como compreender as diferentes opiniões sobre as discussões de gênero e sexualidade dentro do contexto escolar e como os PCNs orientam os professores a trabalhar essa temática. No desenrolar da pesquisa foi possível conhecer mais sobre o tema e tudo que o envolve bem como podemos dizer que a pesquisa correspondeu aos objetivos propostos o que tornou possível entendermos o funcionamento de toda estrutura que cerca essa temática. Nos foi possível entender como os professores abordam esse tema, pelo menos em teoria, e quais as práticas mais utilizadas para tal, entendendo também como se dá as diversas compreensões e interpretações sobre o que é gênero e o que é sexualidade e como isto pode vir a se aplicar no cotidianos de cada um.

Também ficou evidente como os Parâmetros Curriculares Nacionais orientam sobre a abordagem no âmbito escolar de maneira transversal, o que de certo modo possibilita que os professores e demais profissionais acabem por deixar de lado tais discussões simplesmente por ser mais fácil não trazer à tona tantos tabus para sala de aula. Alguns até dizem que não precisamos disso logo não se faz necessária a discussão e estudo sobre, porém, por outro lado, temos aqueles que sim, discutem e trazem toda essa discussão de forma leve e simplificada o que já é um passo para começar a se falar mais sobre principalmente dentro de ambientes escolares que ainda são tão estereotipados e cercados de preconceito.

Esperamos que o leitor que faça uso deste trabalho como sua ferramenta de pesquisa, podendo encontrar nele um importante motivo para lutar pelas questões sociais, considerando o fato de que precisamos aprimorar e encorajar nossos objetivos no que realmente acreditamos que é na mudança de pensamentos preconceituosos e na diminuição de individualidades exacerbadas, pois como seres pensantes e em desenvolvimento precisamos conhecer e respeitar os diversos tipos de cultura, personalidades, conceitos e realidades, sejamos seres abertos ao conhecimento e deixemos que o mesmo nos mude, não façamos da educação algo que nos feche os olhos mas que nos abra a mente. Esperamos também servir como bases concretas para discussões sólidas e eloquentes, fazendo com que leitores e apreciadores da temática sintam-se referenciados em cada página.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Laura Monte Serrat. **PCN: Parâmetros Curriculares Nacionais. Temas transversais: uma interpretação e sugestões para a prática. V.2:** Curitiba: Bella Escola, 2002.
- BORRILLO, Daniel. **A Homofobia.** In: **Homofobia e Educação: um desafio ao silêncio.**
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CRUZ, Bianca (coord.) **Por que discutir gênero na escola?** SP, 2016.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade do saber.** 13ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** 16 Ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.
- LOURO, Guacira Lopes. **Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade.** Belo Horizonte, v. 03, n. 04, p. 62-70, jan/jul 2011. Disponível em: <<http://formaçãodocente.autenticaeditora.com.br>> Acesso em: 15 de jun de 2020
- LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Debora. **Qual a diversidade sexual dos livros didáticos brasileiros?** In: **Homofobia e Educação: um desafio ao silêncio.** LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Debora (coord.). Brasília: Letras Livres, 2009. p.19
- SCOTT, Joan. **Gênero: Uma categoria útil para análise histórica.** New York, Columbia University Press. 1989.
- TEIXEIRA, Adla Betsaida Martins; DUMONT, Adilson (Org.) **Discutindo Relações De Gênero Na Escola: reflexões e propostas para a ação docente.** Belo Horizonte, MG: Junqueira&Marin, 2009.

